

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Informativo Nossa Senhora do Brasil
Ano 1.1 - Edição 70 - Abril / Maio - 2024



Ajudar a Igreja em suas necessidades

Compaixão própria
de bons samaritanos

Índice

Palavra do Pároco	03
O vício da Avareza	04
Amor de desprendimento	06
A virtude da generosidade	08
Ajudar a Igreja em suas necessidades	10
O Dízimo e a Doutrina da Igreja	12
As Obras de Misericórdia da Paróquia Nossa Senhora do Brasil	14
Expediente Paroquial	18





Palavra do Pároco

Amados irmãos e irmãs em Cristo,

A revista que têm em mãos é a retomada de um trabalho já existente em nossa Paróquia, mas que, no contexto da pandemia, teve de ser interrompido por alguns anos: a publicação do Informativo Nossa Senhora do Brasil – um periódico bimestral, com o objetivo contribuir na formação contínua de nossos paroquianos, e também de ser uma via de comunicação sobre a vida e atividades de nossa comunidade. Nesse sentido, cada edição pretende fornecer reflexões sobre pontos da doutrina cristã e das virtudes humanas, sobre devoções e santos cuja memória celebramos, sobre festas litúrgicas do tempo que vivemos, e também sobre perguntas que vocês, paroquianos, nos enviam.

Para esta reinauguração, no entanto, pedi à nossa equipe de voluntários uma edição temática especial, na forma de uma Campanha do Dízimo, meditando a partir de vários ângulos sobre o sentido das contribuições materiais à Igreja.

O assunto é importante para reforçar em todos nós o que significa dizer que somos uma Paróquia: muito mais que um mero clube onde nos encontramos socialmente

aos domingos, a Paróquia, para nós católicos, é uma comunidade estável de fiéis, que partilham das mesmas convicções sobre as grandes questões da vida, e que se apoiam mutuamente em vínculos pessoais de amizade e amor nas lutas deste Vale de Lágrimas. Como dizia S. João Crisóstomo, “Podes também rezar em tua casa; mas não podes rezar aí como na igreja, onde muitos se reúnem, onde o grito é lançado a Deus de um só coração. (...) Há na Paróquia qualquer coisa mais: a união dos espíritos, a harmonia das almas, o laço da caridade, as orações dos sacerdotes” (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2179). Os laços espirituais e invisíveis que nos unem na Igreja a todos os cristãos, como grande Corpo Místico de Cristo, são manifestados de forma bem concreta e tangível quando somos membros dizimistas de nossa Paróquia.

Desejo a todos uma boa leitura, e os asseguro que estão sempre em minhas orações e intenções da Santa Missa.

Cordialmente, em Cristo,
Pe. Michelino Roberto



O vício da Avareza

“É uma doença do coração, não da carteira”

No contexto das catequeses sobre os vícios e as virtudes, dos quais depende o bom êxito de nossa batalha espiritual e a guarda de nosso coração, hoje tratamos da **avareza**, ou seja, daquela forma de apego ao dinheiro que impede o homem de ser generoso. Não é um pecado que diz respeito unicamente às pessoas que possuem grandes bens, mas é um vício transversal, que

muitas vezes não tem nada a ver com o saldo da conta corrente. É uma doença do coração, não da carteira.

As análises que os padres do deserto fizeram sobre este mal demonstraram como a avareza podia apoderar-se até de monges que, depois de ter renunciado a enormes heranças, na solidão da sua cela apegaram-se a objetos de pouco valor: não os emprestavam,

não os compartilhavam e muito menos estavam dispostos a dá-los. Um apego a coisas pequenas, que tira a liberdade. Aqueles objetos tornaram-se para eles uma espécie de fetiche, do qual era impossível desligar-se. Uma espécie de regressão à idade das crianças, que se agarram ao brinquedo, repetindo: “É meu, é meu!”. Nesta reivindicação aninha-se uma relação doentia com a

realidade, que pode levar a formas de apropriação compulsiva ou de acumulação patológica.

Para curar esta doença, os monges propunham um método drástico, mas deveras eficaz: a meditação sobre a morte. Por mais que uma pessoa acumule bens neste mundo, de uma coisa estamos absolutamente certos: que eles não caberão no caixão.

Não podemos levar os bens conosco! Eis que se revela a insensatez deste vício. O vínculo de posse que construímos com as coisas é apenas aparente, pois não somos donos do mundo: na verdade, esta terra que amamos não é nossa, e movemo-nos nela como forasteiros e peregrinos (cf. Lv 25, 23).

Estas simples considerações levam-nos a intuir a loucura da avareza, mas também a sua razão mais recôndita. Ela é uma tentativa de exorcizar o medo da morte: procura seguranças que na realidade se desfazem no exato momento em que nos agarramos a

elas. Recordais a parábola daquele homem insensato, cujo campo tinha oferecido uma colheita deveras abundante e que, por isso, se deixa embalar por pensamentos sobre o modo como ampliar o seu armazém para aí colocar toda a safra. Aquele homem calculou tudo, programou o futuro... No entanto, não teve em consideração a variável mais segura da vida: a morte. “Insensato – diz o

Evangelho – esta mesma noite ser-te-á pedida a vida. E o que acumulaste, de quem será?” (Lc 12, 20).

Noutros casos, são os ladrões que nos prestam este serviço. Inclusive nos Evangelhos eles são citados várias vezes e, embora as suas ações sejam censuráveis, podem tornar-se uma admoestação salutar. Assim prega Jesus no sermão da

montanha: “Não acumuleis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os corroem e os ladrões arrombam os muros a fim de os roubar. Acumulai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os corroem, nem os ladrões arrombam os muros, a fim de os roubar” (Mt 6, 19-20).

Ainda nas narrações dos padres do deserto, conta-se a vicissitude de um ladrão que surpreende o monge durante o sono, roubando-lhe os poucos bens que guardava na cela. Quando acorda, sem se perturbar com o que tinha acontecido,

o monge põe-se no encalço do ladrão e, quando o encontra, em vez de reclamar os bens roubados, entrega-lhe as poucas coisas que lhe restam, dizendo: “Esqueceste de pegar nisto!”.

Podemos ser senhores dos bens que possuímos, mas muitas vezes acontece o contrário: são eles que acabam por nos possuir. Alguns ricos já não são livres, nem sequer

têm tempo para descansar, devem estar atentos porque a acumulação de bens também exige a sua guarda. Estão sempre ansiosos, porque um patrimônio se constrói com muito suor, mas pode desaparecer num instante. Esquecem-se da pregação evangélica, que não afirma que as riquezas em si são um pecado, mas certamente constituem uma responsabilidade. Deus não é pobre: é o Senhor de tudo, mas – escreve São Paulo – “de rico que era, fez-se pobre por vós, para que vos tornásseis ricos pela sua pobreza” (2 Cor 8, 9).

Quando o mal se enraíza em nós, chama-se vício e é uma erva daninha difícil de erradicar. Há pessoas que caíram em vícios que já não conseguem superar (drogas, alcoolismo, jogo), só porque subestimaram um risco. Pensaram que eram fortes numa pequena batalha e, em vez disso, acabaram vítimas dum inimigo muito poderoso. Nunca se deve discutir com o diabo. É astuto e inteligente: é capaz de disfarçar o mal sob uma máscara invisível do bem. Esta é a armadilha mais perigosa para o coração humano, contra a qual devemos nos proteger todos os dias.

Tenhamos cuidado! E sejamos generosos, generosos com todos e generosos com aqueles que mais precisam de nós!

Peçamos ao Senhor o dom de possuir um coração desprendido dos bens materiais, que não acumule tesouros nesta terra, mas no céu. Que Deus vos abençoe e Nossa Senhora vos guarde!

Por Papa Francisco.

Audiência Geral de 24 de janeiro de 2024. Adaptado por *Alecsandro Araujo de Souza*.

Para curar esta doença, os monges propunham um método drástico, mas deveras eficaz: a meditação sobre a morte.

Sejamos generosos, generosos com todos e generosos com aqueles que mais precisam de nós!

Amor de desprendimento

**“Desprendimento.
Como custa! ...
Quem me dera não
estar atado senão
por três pregos,
nem ter outra sen-
sação em minha
carne que a cruz.”
S. Josemaria Escrivá,
Caminho, n. 151**



Não é difícil encontrar pessoas de boa intenção que dedicam esforços a obras de misericórdia de maneira a amenizar o sofrimento daqueles que mais necessitam. Ainda que inegável o valor de tais ações, não são suficientes para atingir o ideal de quem que busca viver o Evangelho em sua plenitude.

É necessário reconhecer que a caridade é apenas um lado da moeda, complementada pela santa pobreza, sem a qual se perde grande parte das riquezas do Cristo. Com efeito, o apego aos bens do mundo, inclusive às pessoas próximas e a si mesmo, é contrário aos ensinamentos de Nosso Senhor, que assim diz: *“Se alguém vem a mim, mas não se desprende do pai, da mãe, da mulher e filhos, de irmãos e irmãs, e até de sua própria vida, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14,26).

O desprendimento exigido é radical e abrange todas as esferas da vida, fato reiteradamente expresso nas Sagradas Escrituras e na vida dos santos elevados à glória dos altares. Em outra passagem, o evangelista São Mateus narra que: *“Um outro dos discípulos disse a Jesus: ‘Senhor, permite-me que primeiro eu vá enterrar meu pai’; Jesus, porém, lhe respondeu: ‘Segue-me, e deixa que os mortos enterrem os seus mortos’”* (Mt. 8, 21-22).

Isso não quer dizer que é ilícito amar os pais, a esposa, os filhos, amigos, a casa, o trabalho, e todas as

demais coisas da terra. Na verdade, é através delas que ocorre o encontro cotidiano com Cristo, ao passo que *“qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus”* (S. Josemaria Escrivá, Amar o Mundo Apaixonadamente). Todavia, é preciso buscar primeiro o Reino de Deus e estar dispostos a renunciar a tudo, pois os bens são apenas instrumentos para servir a Deus e ir para o Céu.

Conforme destaca S. Inácio de Loyola, as *“coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado (...) Somente desejemos e escolhamos o que mais nos conduz para o fim para que somos criados”* (Exercícios Espirituais, princípio e fundamento). Desse modo, todos os bens que eventualmente tenhamos somente são benéficos na medida em que nos auxiliem a aproximar da perfeição de Cristo.

Tal escolha pelos bens que a traça e a ferrugem não destroem (cf. Mt 6, 19-20) pode ser vista, por exemplo, na vida de S. Luís Gonzaga – nobre e príncipe-herdeiro nascido no norte da Itália que, contra a vontade do pai que desejava a carreira militar para o filho, largou tudo para ingressar no noviciado na então recém-fundada e pobre Companhia de Jesus. Padroeiro dos jovens e mártir da caridade, faleceu aos 23 anos, antes de ser ordenado sacerdote, vítima de moléstia contraída das pessoas que havia socorrido durante um surto de peste.

A história é repleta de santos que viveram o desapego, não obstante ocupassem cargos de prestígio e possuísssem grandes riquezas materiais. Essa situação pode ser vista no teste-

munho de S. Henrique, Imperador do Sacro Império Romano Germânico, que assim exortou seus súditos em carta: *“As determinações salutares da Palavra Sagrada nos ensinam e advertem que, abandonando os bens temporais e rejeitando as vantagens terrenas, tenhamos em mira alcançar as mansões eternas, que permanecem para sempre nos Céus (...). Por esta razão, não fechando os ouvidos aos mandamentos do Senhor e prestando obediência aos conselhos divinos, desejamos colocar desde já, no céu, os tesouros que recebemos da riqueza e da generosidade de Deus”* (MGH, Scriptores 4, 792-799; 2ª leitura do Ofício das Leituras da Memória de Santo Henrique). Em conjunto com sua esposa, S. Cunegundes, promoveu a atividade missionária, fundou vários bispados e dotou as igrejas com generosas doações. Após a morte do marido, Cunegundes abdicou do trono e da fortuna, foi morar num mosteiro, vestindo hábito pobre e obedecendo às superiores.

Outro notável exemplo é S. Luís IX, Rei da França, famoso pela especial característica de além de pai de família, exercer a paternidade sobre seu povo, a quem governava não pela violência, mas sim por sábios conselhos. Dentro dessa realidade estava a promoção do bem espiritual do reino, sempre destacando o dever de obediência à Igreja e ao Sumo Pontífice, porquanto o verdadeiro rei era Jesus. Auxiliou na difusão das recém-fundadas ordens mendicantes franciscana e dominicana, recebendo em sua mesa S. Boaventura e S. Tomás. Ainda, não mediu esforços para trazer a Paris as relíquias da Coroa de Espinhos, tendo construído para abrigá-las a belíssima *Sainte Chapelle*.

Ademais, é imperioso destacar S. Francisco de Assis, cujo amor não era voltado apenas aos pobres, mas sobretudo à pobreza. Nas palavras de Tomás de Celano, contemporâneo do santo: *“por isso, vivia contente e seguro, por isso podia correr diligente, porque desembaraçado de tudo; por isso se sentia feliz, porque definitivamente trocadas as riquezas perecíveis por um bem mil vezes maior”*. Nessa biografia, escrita a pedido do Papa Gregório IX logo após a morte do *Poverello*, são narrados acontecimentos em louvor da pobreza que hoje seriam taxados de demasiadamente severos. Dentre eles, há relatos da mais profunda abjeção ao dinheiro e *“recomendava aos seus que o evitassem como ao demônio em pessoa”*.

Assim, a vida dos santos revela uma profunda confiança na providência divina, uma vez que Deus retribui com generosidade os frutos do amor, pois *“há um contrato entre o mundo e os irmãos: estes devem ao mundo o bom exemplo; o mundo deve-lhes a eles o necessário sustento”*. Inúmeros exemplos de desapego poderiam ser citados, como, em terras brasileiras, S. José de Anchieta, que caminhava por dias descalço, com os pés sangrando, para confessar uma única pessoa. De fato, toda a história da salvação demonstra uma série de homens e mulheres que viveram plenamente as duas faces dessa realidade: a caridade e o desprendimento.

Convém citar, enfim, a Sagrada Família de Nazaré, o ideal por excelência das virtudes cristãs. No epi-

sódio da Visitação, Nossa Senhora se dirige apressadamente ao encontro de sua prima S. Isabel e por lá permanece durante 3 meses, mesmo estando grávida e enfrentando as dificuldades da viagem e a distância de seu lar. Adiante, o presépio demonstra que para Deus não foi preciso sequer um lugar na hospedaria para que assumisse a natureza humana e cumprisse com o plano da redenção.

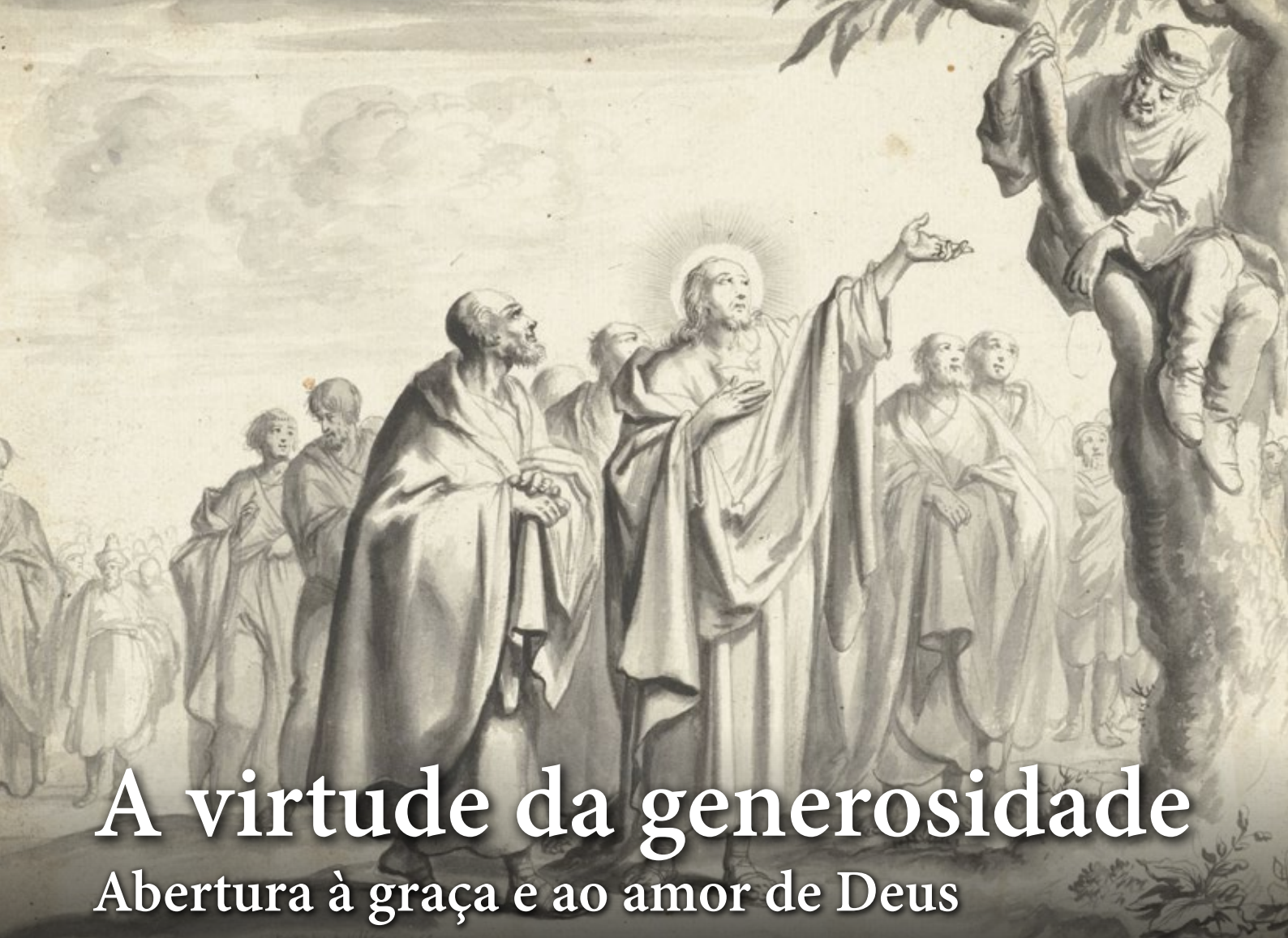
Em seguida, deixam

tudo para trás e se exilam no Egito devido à perseguição de Herodes. Por fim, na Paixão, Nosso Senhor é despojado inclusive de suas vestes.

Verifica-se que a perfeição cristã passa necessariamente pela prática da caridade e pelo desapego das coisas do mundo, dentre as quais a segurança dos bens materiais. Nesse sentido, uma forma de cultivar o desprendimento e contribuir para o justo sustento e manutenção das obras de misericórdia da Paróquia é pelo dízimo, meio eficaz para imitar com maior fidelidade a vida de Cristo e dos santos.

**Sagrada Família, rogai por nós.
Santo Henrique e Santa
Cunegundes, rogai por nós.
São Luís Gonzaga e São
Luís IX, rogai por nós.
São Francisco e Santa Clara
de Assis, rogai por nós.
São José de Anchieta e São
Josemaria Escrivá, rogai por nós.
Santa Catarina Labouré e Santa
Tereza de Calcutá, rogai por nós.**

**“As coisas sobre
a face da terra
são criadas para
o homem, para
que o ajudem a
conseguir o fim
para que é criado”**



A virtude da generosidade

Abertura à graça e ao amor de Deus

São João Evangelista nos ensina que “Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho unigênito, para que não morra todo o que nele crer, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). Nosso Senhor Jesus Cristo assumiu a condição humana para nos salvar, entregando-se até a morte, para viabilizar a grandiosidade desta obra divina.

Segundo a concepção do Evangelista, o pecado é mais que a mera quebra de regras: ele é uma espécie de veneno letal que nos separa do amor divino e nos causa a morte espiritual. Dessa morte, apenas o Cristo pôde nos resgatar, entregando-se à morte por cada um de nós, em seu amor misericordioso.

São Paulo evidencia o plano divino de salvação da humanidade:

“Deus é rico em misericórdia. Por causa do grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos por causa das nossas faltas, ele nos deu a vida com Cristo. É por graça que vós sois salvos!” (Ef 2, 4-5).

A graça divina nos faz ressuscitar, na medida em que por meio dela nos é comunicado o amor gratuito de Deus, dom e favor imerecido por cada ser humano. Neste sentido, a adesão a este plano salvífico, por meio da fé, supõe uma confiança absoluta na entrega total a Cristo e aos seus planos, o que nos transforma e nos capacita a fazer boas obras.

Neste sentido, quem deposita a fé em Jesus Cristo e nele se apoia totalmente experimenta a vivência da graça divina em sua vida, sendo levado a viver e a cultivar a virtude

da generosidade com Deus, a partir deste encontro pessoal com Nosso Senhor Jesus Cristo.

Ora, a generosidade pode ser conceituada como a virtude segundo a qual uma pessoa se dispõe a sacrificar os seus próprios interesses em benefício dos outros. S. João também fornece um bom parâmetro de compreensão desta virtude, quando afirma que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15, 13).

Neste sentido, o evangelho de S. Lucas narra a experiência do publicano Zaqueu, chefe dos responsáveis pela cobrança de impostos em nome do Império Romano. Trata-se de homem rico, cujo vultoso patrimônio tinha origem nas propinas recebidas no seu ofício e

o tornava uma pessoa ainda mais desprezada em seu tempo.

De todo modo, Zaqueu estava curioso para acompanhar a chegada de Jesus em Jericó e, ainda que metido em uma aglomeração de pessoas, o publicano de baixa estatura é obrigado a subir a uma árvore, na tentativa de ver quem era aquela pessoa que arrebatava multidões. Nosso Senhor se aproxima e fita o publicano.

O Papa Francisco ressalta a profundidade deste momento, que, apesar de sua brevidade, revela a essência do encontro pessoal com Deus: “E isto é importante: o primeiro olhar não é de Zaqueu, mas de Jesus que, entre os numerosos rostos que o rodeavam – a multidão – procura precisamente o dele. O olhar misericordioso do Senhor alcança-nos antes que nós mesmos percebamos que precisamos de ser salvos. E com esse olhar do Mestre divino começa o milagre da conversão do pecador”.

O milagre da conversão do pecador tem continuidade, quando Jesus chama o publicano pelo nome: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em sua casa” (Lc 19, 5). Deus condena o pecado, mas jamais mede esforços para salvar o

pecador e mostrar o verdadeiro caminho da salvação.

O Papa continua a comentar esta comovente passagem do Evangelho: “Quem nunca se sentiu procurado pela misericórdia de Deus tem dificuldade de compreender a extraordinária grandeza dos gestos e das palavras com que Jesus se aproxima de Zaqueu”. O olhar misericordioso de Nosso Senhor Jesus Cristo leva a uma profunda mudança de vida por parte do publicano, eis que ele

“O primeiro olhar não é de Zaqueu, mas de Jesus(...) O olhar misericordioso do Senhor alcança-nos antes que nós mesmos percebamos que precisamos de ser salvos.”

percebe que a sua vida é mesquinha e tem como única preocupação o acúmulo de dinheiro, à custa de defraudar os outros.

O cobrador de impostos passa a ver a realidade com outro olhar e passa a ser uma pessoa generosa, na medida em que decide dar metade do que possui aos pobres e devolver o quádruplo de tudo o que roubou.

Zaqueu se abre ao amor divino e corresponde à graça divina com um gesto magnânimo de entrega ao próximo. “Zaqueu descobre de Jesus que é possível amar gratuitamente: era mesquinho, agora torna-se generoso; gostava de acumular, agora alegra-se em distribuir. Ao encontrar o Amor, descobrindo que é amado apesar dos seus pecados, torna-se capaz de amar os

outros, fazendo do dinheiro um sinal de solidariedade e de comunhão”.

A conversão de Zaqueu se dá quando ele supera o vício oposto à generosidade: a avareza, consistente em apego ao dinheiro e aos bens. Não se trata de vício que atinge apenas pessoas com muitos bens, como bem observado pelo Papa Francisco, “mas é um vício transversal, que muitas vezes não tem nada a ver com o saldo da conta corrente. É uma doença do coração, não da carteira”.

O avaro tem apego aos bens por si sós e busca segurança unicamente neles. Antes da conversão, Zaqueu não era livre, mas escravo do dinheiro, que o possuía. “Esquecem-se da pregação evangélica, que não afirma que as riquezas em si são um pecado, mas certamente constituem uma responsabilidade. Deus não é pobre: é o Senhor de tudo, mas – escreve São Paulo – ‘de rico que era, fez-se pobre por vós, para que vos tornásseis ricos pela sua pobreza’ (2Cor 8, 9)”.

Assim, Zaqueu se deixou tocar pela graça e pelo amor de Deus, daí porque venceu a tendência egoísta de viver ensimesmado, apenas preocupado com sua fortuna, e superou a mesquinhez, a avareza e o calculismo. Que o seu exemplo possa nos iluminar a sermos mais generosos e a retribuirmos a graça que Deus deseja derramar no coração de cada um de nós.

Por Fernando Augusto Frank de Almeida Alves

Referências:

Papa Francisco. Angelus de 3 de novembro de 2019. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20191103.html>.

Papa Francisco. Audiência Geral de 24 de janeiro de 2024. Disponível em:

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2024/documents/20240124-udienza-generale.html>>.

Padre Francisco Faus. “Generosidade”. Publicado em 4 de setembro de 2014 Disponível em:

<<https://padrefaus.org/2014/09/04/generosidade/>>.

Parábola do Bom Samaritano

“Levantou-se um doutor da Lei e, para pô-lo à prova, perguntou: ‘Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?’ Disse-lhe Jesus: ‘Que está escrito na Lei? Como é que lê?’ Respondeu ele: ‘Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu pensamento; e ao teu próximo como a ti mesmo’. Disse-lhe Jesus: ‘Respondeste bem; faz isto e viverás’.

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ Tomando a palavra, Jesus respondeu: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu na mão de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto. Por acaso desceu pelo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-o a uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe: ‘Trata dele e, quanto gastares a mais, na volta te pagarei’.

Qual desses três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? Respondeu o doutor: ‘Aquele que usou de misericórdia para com ele’. Então disse Jesus lhe disse: ‘Vai, e faz tu o mesmo’”. (Lc 10 25-37)



Ajudar a Igreja em suas necessidades

Compaixão própria de bons samaritanos

Há muitas interpretações e lições que podemos extrair desta conhecida parábola do Bom Samaritano. No entanto, recordemos apenas uma delas: o Samaritano é o próprio Cristo e a hospedaria a Sua Igreja. É Cristo que recolhe os feridos pelo caminho e os leva para sua Igreja, sem sequer perguntar seus nomes. Monsenhor Jonas Abib expressa de maneira mais bonita: “Ele (Cristo) nos coloca em Seus ombros e nos leva para hospedaria, que é a Sua Igreja”.

Nessa perspectiva, como bons samaritanos, cabe-nos a pergunta: quantos denários estamos deitando na Igreja para que ela possa cuidar bem do próximo, sobretudo, dos mais frágeis e vulneráveis de nossa sociedade? De forma bem concreta: quanto contribuímos para que nossa Paróquia possa prestar auxílio aos mais frágeis e vulneráveis, em espírito ou necessidades materiais?

O Evangelista Lucas em outra passagem, registra: “Levantando os olhos, viu Jesus os ricos que deitavam suas

ofertas no cofre do tempo. Viu também uma viúva deitar duas pequeninas moedas, e disse: Em verdade vos digo: esta pobre viúva pôs mais do que os outros. Pois todos aqueles lançaram nas ofertas de Deus o que lhe sobra; esta, porém, deu, da sua indignidade, tudo o que lhe restava para o sustento”. (Lc 21, 1-4). Ora, diante de Deus o valor das ações consiste mais na retidão das intenções e na generosidade do espírito, que na quantia que se dá.

Azeite e vinho para atar as feridas. Dois denários e duas pequeninas moedas. O samaritano e uma pobre viúva. No entanto, em seus corações a firme convicção que diz: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo” (cf. Mc 12, 30-31). A caridade cristã tem sua raiz em Deus, e por Deus, pelas almas.

A prática do dízimo remonta ao Antigo Testamento. Sob a Nova Lei de Cristo, porém, é elevada a outro

nível de entendimento: no Novo Testamento, já não se fala mais em dízimo no sentido estrito da décima parte de todos os seus rendimentos, mas sim, como expressa o Apóstolo São Paulo de forma mais clara aos Coríntios: “Dê cada um conforme o impulso do seu coração, sem tristeza nem constrangimento. Deus ama o que dá com alegria” (2Cor 9,7). Não é uma questão de ser rico ou pobre, mas sim da retidão das intenções e do coração com que se contribui ou se ajuda a Igreja em suas necessidades.

Ao longo dos séculos, a Igreja Católica acabou por assim definir, no Código de Direito Canônico: “*Os fiéis têm a obrigação de prover às necessidades de Igreja, de forma que ela possa dispor do necessário para o culto divino, para as obras de apostolado e de caridade, e para a honesta sustentação dos seus ministros*”. “*Têm ainda a obrigação de promover a justiça social e, lembrados do preceito do Senhor, de auxiliar os pobres com os seus próprios recursos*” (Cf. cânº 222, §§ 1º e 2º). Porém como recorda o Catecismo, no quinto mandamento da Igreja, a ajuda dos “*fiéis devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja, cada um conforme suas próprias possibilidades*” (Catecismo da Igreja Católica, n. 2043)

Na “hospedaria” da Paróquia Nossa Senhora do Brasil, passados cerca de 2 mil anos, é possível encontrar muitos bons samaritanos e feridos recolhidos de uma sociedade muitas vezes cética, ateia, materialista e indiferente às coisas de Deus. É possível encontrar os que doam do que sobra conscientes de suas intenções, mas

também aqueles que doam de sua indigência. Há quem ajuda financeiramente, outros com os ombros. Outros ainda com suas orações.

No entanto, a luta de sempre é vencer a indiferença que pode atingir os corações dos paroquianos e cegá-los aos que estão no caminho. A luta ascética e espiritual que empreendemos no emprego dos dois denários é para não sucumbir à tentação de passar adiante, indiferentes e, ainda com medo de se implicar com o bem comum e com o próximo.

Embora seja uma instituição religiosa, e não uma empresa, “a Brasil” (como carinhosamente a chamamos) se organiza com porte e eficiência empresariais: o pároco, auxiliado pelos Conselhos Econômico e de Pastorais, faz pensar num CEO com seus diretores e Conselho Administrativo; as Paróquias por nós assistidas, como a São Vito Mártir e a Bom Jesus do Brás, nos recordam

“fiéis devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja, cada um conforme suas próprias possibilidades”

as filiais que recebem apoio de sua matriz; os vários e competentes colaboradores lembram uma equipe de trabalho profissional... “A Brasil”, de certa maneira, é como nosso país, um continente a ser descoberto pelos próprios “brasileiros” – ou seja, por você paroquiano.

Como recorda Monsenhor Jonas Abib, na parábola do Bom Samaritano Cristo “deixa dois denários: a Palavra de Deus e a Eucaristia”. Eis, também, o que nosso pároco, Pe. Michelino Roberto e os demais sacerdotes que o auxiliam utiliza para administrar a Paróquia. E, vale dizer: pela graça de Deus, ele não enterra os denários, mas os faz multiplicar.

Na administração material e governo da Igreja, Cristo conta com os seus discípulos e, em especial os leigos, para ajudar a administrar a hospedaria com a generosidade na entrega habitual de suas contribuições econômicas e espirituais. Jesus Cristo conta com o impulso dos corações e a entrega das duas pequeninas moedas a fim de que o *culto divino, as obras de apostolado e o honesto sustento dos ministros* possam sem garantidos. “Que pouco é uma vida para oferecê-la a Deus!”, dizia São Josemaria Escrivá.

Deus ama a quem dá com alegria. “Às vezes, quando rezamos ao Senhor para tomar uma decisão, pedimos a graça de nos iluminar — e é preciso fazê-lo sempre — mas nem sempre pedimos a outra graça: que aqueça o nosso coração. Porque uma boa decisão precisa de ambas: uma mente clara e um coração quente, aquecido pelo amor”, como ensina o Papa Francisco.

Procure a secretaria paroquial ou os membros de qualquer uma das pastorais da “Brasil”. Conheça essa “empresa” apostólica e a sua real dimensão espiritual e de assistência aos mais frágeis e vulneráveis de nossa sociedade; mas sobretudo procure os sacerdotes na direção espiritual e na administração dos sacramentos. Na hospedaria da Brasil, se cuida dos peregrinos – afinal, onde está a Sua Igreja, estão Cristo e seus santos.

Que Nossa Senhora do Brasil vele solícita para que não tenhamos uma mente e um coração indiferente às necessidades da Igreja e do Estado: para que tenhamos a compaixão própria de bons samaritanos.

Por Alecsandro Araujo de Souza



O Dízimo e a Doutrina da Igreja

O dízimo sempre é um assunto delicado de ser discutido. Se por um lado há fiéis que reconhecem já de prontidão o dever de contribuir com sua paróquia, ajudando-a em suas atividades pastorais e obras de misericórdia, por outro temos também um certo número de pessoas que suspeitam ser essa uma forma da Igreja “explorar” os crentes, condicionando vantagens espirituais ao pagamento de determinadas quantias monetárias. Dentre esses pólos existem inúmeras visões diferentes sobre esse assunto e muitas vezes as discussões ficam acaloradas entre defensores e difamadores da prática. Dadas as divergências e opiniões por vezes pouco fundamentadas, vale entender um pouco melhor qual é a doutrina da Igreja sobre o dízimo e esclarecer as principais dúvidas que podem surgir.

1. O que é dízimo?

Antes de explicitar propriamente a doutrina católica sobre o dízimo, é bom ter bem em mente seu sentido e sua origem, na Lei do Antigo Testamento.

A palavra “dízimo” remete à “décima parte”, pois, na Antiga Lei, a tribo de Levi, separada para dedi-

car-se exclusivamente às atividades do Templo e excluída da repartição das terras de Israel, precisava ser sustentada pelas outras tribos. Para que isso fosse possível, cada uma das outras 11 tribos contribuía com 10% de tudo o que produzia, de forma que nenhuma ficasse excessivamente sobrecarregada.

Hoje, porém, nós católicos chamamos de “dízimo” a contribuição recorrente – geralmente mensal – de uma quantia financeira pelos fiéis. Não existe, em nossa doutrina, nenhuma regra de porcentagem ou valor fixo com que todos os fiéis precisem contribuir – cada um deve tomar essa decisão em vista de sua condição financeira e benevolência.

2. Pagar o dízimo é um mandamento?

Nossa santa religião nos ensina que nós cristãos temos o dever de seguir, além dos 10 mandamentos do Decálogo, também os 5 mandamentos da Igreja, em que se inclui em seu quinto artigo o dever de “Ajudar a Igreja em suas necessidades” (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 2041-2043). Este mandamento, contudo, não necessariamente obriga o fiel a contribuir

com a Igreja no formato de dízimo, ou sequer através de doações monetárias. Conforme explica o Catecismo, “o quinto mandamento recorda aos fiéis que eles devem ir ao encontro das necessidades materiais da Igreja, cada um conforme as próprias possibilidades”. Para além das contribuições em dinheiro, ainda hoje é bem comum que essas doações sejam feitas através de alimentos, bens ou até mesmo propriedades, dependendo da realidade e generosidade de cada fiel.

Nos tempos antigos, por exemplo, os fiéis levavam seus dons para serem repartidos entre os mais necessitados juntamente com o pão e o vinho na Eucaristia. É desta tradição que surgiu o costume da coleta da Missa. São Justino, que viveu na primeira era dos cristãos depois de Cristo, documentou:

“Os que possuem bens em abundância e aqueles que o desejam dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe é entregue àquele que preside. Este socorre os órfãos e as viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, encontram-se em necessidade, assim como os encarcerados e os migrantes; numa palavra, ele socorre todos os necessitados” (S. Justino Mártir, Apologia. Cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 1351).

3. Por que ser dizimista?

Se existem várias formas de cumprirmos o preceito de “prover às necessidades da Igreja” (cf. Código de Direito Canônico, cân. 222) por que então deveríamos optar por oferecer dízimos? Podemos abordar a questão da razão de ser dizimista a partir de três lentes diferentes: a da paróquia, a do fiel e a de Deus. Em cada uma delas, no entanto, nota-se a mesma bondade de Deus para conosco ao utilizar também dessa ferra-

menta como forma de crescermos nas virtudes, amar mais ao próximo e nos aproximarmos Dele.

Do lado da paróquia, o dízimo é de suma importância para garantir a segurança financeira e administrativa. Através das contribuições periódicas é possível manter, para além do sustento ordinário do templo (água, luz, cooperadores qualificados, limpeza, reparos periódicos), nossas diversas iniciativas de apostolado e caridade que tantas almas têm trazido a Cristo. A capacidade de fazer planos de médio e longo prazo possibilitada pelos dízimistas nos permite traçar estratégias densas, com impactos profundos e perenes, capazes de atingir públicos dos mais diversos perfis.

O serviço ao próximo, exemplificado pelo próprio Jesus ao lavar os pés dos discípulos na Santa Ceia, carece de recursos financeiros para que seja feito com o merecido zelo. Em nossa paróquia temos a graça de conduzir múltiplas frentes de apoio aos necessitados (como detalhado mais adiante, na página 14), e isso não seria possível sem a contínua ajuda de nossos paroquianos.

Para o fiel, a prática do dízimo é uma forma de exercer a generosidade, expandir o coração ao amor ao próximo e aumentar o desapego às coisas materiais. Uma das principais ferramentas que o demônio utiliza para a perdição das almas é o egoísmo, vício hoje tão difundido como virtude. Muitas vezes vemos o excesso de conforto material, autocuidado, diversões e prazeres sendo tratado como algo positivo, benéfico para a nossa

saúde e importante para alcançarmos a felicidade. De fato esses dons não são ruins quando utilizados de forma temperada. Entretanto, por essa ser cada vez menos a realidade, eles se tornam algo que pode nos afastar de Deus. O dízimo, nesse sentido, vem como um contraponto, fazendo com que o fiel saia de si mesmo e vá ao encontro de seu irmão.

Além disso, este comprometimento mensal ajuda a construir virtudes naquele que o faz: a diligência no

trabalho, a humildade para com os mais necessitados e a possibilidade de mortificação são alguns dos exemplos que podem ser facilmente mencionados. Fora isso, também contribui para adicionar

um valor sobrenatural às atividades laborais ao incluir como uma de suas finalidades a manutenção de sua paróquia e suas ações pastorais. Para todos que visam santificar o seu cotidiano, oferecer-se a Deus ou expandir sua alma ao Espírito Santo, esta prática pode ser uma excelente ferramenta para fazê-lo.

Por fim, é importante entendermos também a visão de Deus sobre o dízimo. Aqui pode surgir um paradoxo: se Deus é onipotente e todopoderoso, por que precisaria de nossa caridade, de nosso dízimo? Não deveríamos ser nós a pedir favores e graças, e não o contrário?

A verdade é que de fato Deus não precisa de nosso dízimo para existir. Não há nada que nós possamos fazer que “mude” a vontade do Senhor, que aumente a sua grandeza ou que o edifique ainda mais frente

ao que já O é. Entretanto, as ofertas que fazemos são essenciais para sustentarmos a Igreja fundada por Jesus Cristo pois, assim como nós, a Igreja possui tanto uma dimensão espiritual quanto uma dimensão material, e carece de recursos financeiros para se manter operante em sua missão de santificação da humanidade.

Sendo assim, por estruturar nossa salvação dessa forma, vemos que Deus escolhe, por sua livre liberalidade, “precisar” de nós. Ao fazer o mundo, Ele preparou, em vista de certos efeitos, as causas que os devem produzir e, em vista de certos fins, os meios pelos quais são obtidos. Não há, por exemplo, uma colheita sem o semeio, uma vitória sem uma batalha, um conhecimento sem um estudo. Do mesmo modo também, não há salvação sem a Igreja e uma Igreja sem a cooperação de seus fiéis. Isso está estreitamente ligado com a liberdade que Deus nos dá: por precisarmos aceitar livremente a fé, precisamos voluntariamente nos doar e fazer sacrifícios através de nossas obras por ela.

Podemos apenas imaginar quantas são as formas diferentes que a Santíssima Trindade poderia elaborar para a nossa redenção. Entretanto, em Sua infinita sabedoria, optou por nos enviar o próprio Filho e, a partir Dele, edificar uma Igreja para guiar todos os que têm fé à vida eterna. Se nesse plano Deus quis necessitar de nossa colaboração, podemos apenas concluir que essa é a forma mais perfeita para que ela seja realizada. Daí a importância de sermos colaboradores de Deus, de nossas paróquias e, em última instância, de nós mesmos.

Por Luiz Alberto Americano



As Obras de Misericórdia da Paróquia Nossa Senhora do Brasil

Alguns anos atrás, ao convocar o Ano da Misericórdia, o Papa Francisco expressava seu vivo desejo de que nós cristãos refletíssemos e vivêssemos melhor *as obras de misericórdia corporal e espiritual* – pois, dizia ele, *a misericórdia é a viga mestra que sustenta a vida da Igreja*¹.

A força dessas palavras, contudo, não deve nos levar a conceber a Igreja como uma instituição meramente humanitária, a socorrer os aflitos por pura filantropia – pois, como sempre repete o Santo Padre, “não somos uma ONG”. Antes, esta ênfase cristã nas obras de caridade decorre, na verdade, de um princípio básico da vida espiritual: “Deus

é amor-caridade”, amor-de-auto-doação (cf. 1 Jo 4,8).

Isso porque, dentre todos aqueles atributos de Deus que aprendemos na catequese (Onipotência, Onisciência, Onipresença...), o mais excelente e mais característico do ser divino é a *misericórdia*, ou a *terna compaixão* (no hebraico bíblico, *Khésed*). Se Deus se identifica com o amor que se doa a si mesmo, então possuir a Deus é o mesmo que ter compaixão, tornar-se misericordioso. Como explica Dom Robert Barron, “a vida de Deus está sempre em movimento: quando alguém a recebe como dom gratuito, deve então passá-la adiante,

uma vez que ela só existe em forma de dom; e, quanto mais ela é passada adiante, mais ela inunda o coração”². Eis aí o motivo fundamental pelo qual nós cristãos praticamos as *obras de misericórdia* para com quem nos rodeia: para participarmos mais do amor divino.

Por esse motivo é que nossa Paróquia, desde sua fundação, sempre dedicou meios materiais e humanos a socorrer os menores de nossos irmãos, enxergando neles o próprio Cristo (cf. Mt 25, 40). Uma grande mudança ocorreu, no entanto, em 2020, com a eclosão da Pandemia de COVID-19. Cresceram muito as necessidades dos

mais vulneráveis, nas mais diversas áreas – ao mesmo tempo em que a própria Paróquia se viu afetada em suas atividades pelo fechamento dos templos. Era urgente estruturar-se com mais eficiência...

Assim foi que nasceu o Cor Unum, para organizar as diversas frentes de misericórdia da Paróquia sob a estrutura única da Casa Nossa Senhora do Brasil. Com esta visão de conjunto, nos tornamos capazes de direcionar melhor os recursos e os voluntários, e assim otimizar nossa atuação.

O nome “Cor Unum” – que vem da Escritura, e descreve o modo como viviam os primeiros cristãos, com “um só coração e uma só alma [cor unum et anima una]” (At 4, 32) – nos recorda que somos movidos por um fim sobrenatural: o de sermos imitadores de Cristo e fiéis aos mandamentos de Sua Igreja.

E como as obras de misericórdia são um chamado de Deus a todos os cristãos, o Cor Unum não deve ser entendido como uma pas-

toral a mais, ao lado das outras, mas como uma parte integrante de todos os grupos da Paróquia: por isso é que os jovens do Grupo Divinos Corações fazem mutirões de montagem de sanduíches e marmitas, ou que a pastoral do Batismo recolhe alimentos não perecíveis dos que se inscrevem para receber o sacramento, ou ainda que as senhoras do Grupo Espírito Santo fazem cachecóis e mantas para destinar à população de rua.

O Cor Unum se estrutura em vários núcleos de atuação: o *KitchenCor* e o *SanduCor*, que produzem marmitas e sanduíches para a população de rua; o *SaúdeCor*, que fornece atendimentos médicos gratuitos; o *KitsCor*, que preparam kits de higiene pessoal e limpeza, além de coberturas e peças de roupa; o *JurisCor* e o *ConstruCor* que prestam assistência para regularização jurídica de instituições beneficentes e para construções e reparos de engenharia.

Nossos números – ao longo de 2023

Marmitas	38 mil
Sanduíches	33 mil
Cestas básicas	7 mil
Leite	10 mil litros
Kits higiene pessoal	4,2 mil
Peças de roupa	10 mil
Cobertores	3 mil
Produtos de limpeza	1 mil
Atendimentos na área médica/saúde	312

Instituições atendidas

AGES – Associação Civil Gaudium et Spes

Aliança de Misericórdia

Ambulatório Santa Marcelina (Tucca)

Amparo Maternal

Basílica de Nossa Senhora do Carmo

Colégio Stella Maris

Comunidade São José Monte Tabor / Bom Parto

Fraternidade O Caminho – Franciscanos

Irmãs Dominicanas

Missão Belém

SEFRAS – Serviço Franciscano de Solidariedade

Projeto Mães da Sé

Paróquia Bom Jesus do Brás

Paróquia Bom Jesus dos Passos

Paróquia Nossa Senhora Aparecida

Paróquia Nossa Senhora de Casaluce

Paróquia Nossa Senhora da Consolação

Paróquia Nossa Senhora da Paz (Glicério)

Paróquia Santo Afonso

O contraturno da São Vito

As diversas frentes de trabalho do Cor Unum visam atender necessidades específicas de grupos pontuais: moradores de rua, ex-usuários de droga em recuperação, gestantes vulneráveis, etc. Mas e quanto às crianças que, ainda em fase de desenvolvimento, precisam de referenciais seguros para bem desabrochar seu potencial humano e cristão?

Pensando nelas, a Paróquia estruturou o Instituto Virtus, encarregado do chamado “Contraturno” na Paróquia São Vito Mártir. Trata-se de uma atividade educacional que ocorre de segunda a sexta-feira, no horário contrário ao em que a criança frequenta a escola regular, e que tem a missão de dar apoio aos pais na missão de educar os filhos.

O projeto não se limita ao mero reforço acadêmico, mas busca formar pessoas íntegras, capazes de ser sal da terra e luz do mundo, em meio ao materialismo e à crise de sentido que cada vez mais contaminam a sociedade atual. Para isso, o trabalho do Instituto Virtus é estruturado em três eixos: (1) vida espiritual; (2) formação humana e (3) capacitação técnica para a vida.

O eixo da *vida espiritual* almeja ajudar as crianças saberem-se filhas amadas de Deus, e chamadas a levar uma vida de verdadeira felicidade e de aspiração à vida eterna. Para isso, são promovidos habitualmente, ao longo do dia, diversos momentos de oração e presença de Deus, além de catequeses sobre espiritualidade e doutrina cristã.

O eixo da *formação humana*, baseado numa visão do ser humano como imagem e semelhança de Deus, capaz de desenvolver as virtudes para a excelência pessoal, visa inculcar nas

crianças os bons hábitos do dia a dia: desde o modo como portar-se no refeitório ou na entrada e saída do Instituto, até as interações com os colegas e resolução de conflitos.

O eixo de *capacitação para a vida*, enfim, tem por objetivo desenvolver habilidades técnicas que habilitem as crianças a contribuir melhor para a vida social e suas próprias carreiras. Num primeiro momento, o carro-chefe deste eixo tem sido a ênfase nas competências linguísticas, suprimindo inclusive lacunas de alfabetização e letramento com que as crianças chegam do ensino regular.

Após um primeiro ano de operações, restrito a receber crianças no período matutino (das 7h15 às 12h15, servindo café da manhã e almoço), em 2024 o Contraturno abriu também uma turma à tarde (das 12h30 às 17h, servindo almoço e lanche da tarde), com um total de 66 crianças entre 6 e 10 anos de idade.

Os pais das crianças, que se encarregam de levar e trazer os filhos do Instituto, precisam estar de acordo com a transmissão de educação e valores católicos, além de participar dos encontros mensais de formação e das tutorias individuais a que são convidados.

A resposta das famílias a este primeiro ano de experiência do contraturno foi muito positiva. O índice de matrícula para 2024 foi de 100% – e alguns pais estão na fila de espera para a abertura de mais vagas. As crianças, por sua vez, manifestam de várias formas sua alegria com o ambiente do Instituto. Houve até um dia em que, faltando energia elétrica no colégio da rede pública e tendo sido as crianças dispensadas para voltar para

casa, algumas se dirigiram ao Instituto mais cedo, pedindo para participar dos dois turnos de atividades... Os pais foram devidamente avisados – mas a anedota mostra que, podendo livremente ir para casa e ficar ociosas, as crianças preferiram se dirigir ao ambiente do Instituto.

“Você o fez para mim”

É bem conhecida a história da conversa que S. Teresa de Calcutá teve uma vez com um jovem dominicano, que buscava entender de onde ela tirava a força e a inspiração para entregar-se de forma tão intensa ao serviço aos pobres. No final do longo colóquio, Madre Teresa pediu que o padre estendesse a mão sobre a mesa, e foi tocando cada um de seus dedos, enquanto repetia as palavras de Jesus: “Você o fez para mim” (*You did it to me*; cf. Mt 25).

É nesse mesmo espírito que as obras de misericórdia de nossa Paróquia chegam hoje a atender a cada mês centenas ou mesmo milhares de pessoas. Mas o sustento deste volume de operações só é possível graças ao apoio dos voluntários e benfeitores que generosamente destinam parte de seu tempo e recursos para o sustento dessas atividades.

Queremos então tomar esta ocasião para agradecer profundamente a todos os que têm possibilitado estas obras de misericórdia – e ao mesmo tempo incentivar nossos paroquianos todos a conhecer mais o Cor Unum e o Contraturno, e a quem sabe tornar-se voluntários ou benfeitores, sabendo que é para Cristo que o terão feito.

**Por Gil Pierre
de Toledo Herck**

1. Papa Francisco, Bula *Misericordiae Vultus*, nn. 10 e 15. Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>.

2. Robert Barron, *Catolicismo*, p. 44.

O contraturno da São Vito



KitchenCor e o SanduCor: marmitas e sanduíches para a população de rua





Expediente Paroquial

SECRETARIA

Em dias úteis, das 8h às 19h.

Aos sábados, das 9h às 16h.

nsbrasil@nossasenhordobrasil.com.br

(11) 3082 9786

CONFISSÕES

Terças-feiras: 8h30 às 12h

Quartas-feiras: 14h às 18h

Quintas-feiras: 15h às 19h

Sextas-feiras: 8h30 às 12h

Domingos: 8h às 9h30, 10h às 13h30, 17h às 20h

MISSAS

Segunda-feira: 8h e 17h30

Terça a Sexta: 8h, 12h e 17h30

Sábado: 8h, 12h e 16h

Domingos: 8h, 10h, 11h15, 12h30, 16h, 17h, 18h30 e 20h

Para missas individuais, de sétimo dia ou outras intenções, verificar horários na secretaria paroquial.

BATISMO

Inscrições na Secretaria. Informações sobre datas e lista de documentos necessários no site: <https://bit.ly/batismonsb>

CURSO DE NOIVOS

Inscrições na Secretaria. Informações e datas do curso no site: <https://bit.ly/noivosnsb>



Pastoral da Música – Coral

Ensaios: quartas-feiras, 19h30 às 21h30. Para quem vem pela primeira vez, chegar às 19h. Domingos, chegada às 17h para cantar às 18h30.



DIVINO CORAÇÃO

Grupo de jovens N. Sra. do Brasil

Domingo, às 11h15 para jovens entre **26 e 35 anos**

Domingo, às 18h15 para jovens entre **15 e 26 anos**



Grupo Sementes do Espírito

PRESENCIAIS

Grupo de oração

Segundas-feiras às 19h30
no salão paroquial

Adoração ao

Santíssimo silenciosa

Quintas-feiras das 8h30
às 17h30 na Igreja

Para atividades ONLINE acesse:
[instagram.com/sementesdoespirito/](https://www.instagram.com/sementesdoespirito/)

Adoração ao Santíssimo

Quintas-feiras,
das 8h30 às 17h



Grupo de Oração Espírito Santo

Quintas-feiras, às 14h30

Plantão de Oração

Terças-feiras, às 15h.
Obs.: é necessário marcar previamente contatando uma pessoa responsável nos grupos de oração.

Recolhimento Espiritual

ABRIL:

Tirar da morte, vida

Homens: Segunda, 15/4 às 19h

Mulheres: Terça, 16/4 às 14h30

MAIO:

A paz interior

Homens: Segunda, 20/5 às 19h

Mulheres: Terça, 21/5 às 14h30



Missa de N. Sra. de Schoenstatt

Quinta, 11/4, às 12h

Quinta, 16/5, às 12h



Terço das Mulheres

Quartas-feiras, às 19h15



Terço dos Homens

Terças-feiras, às 20h

Oração da Mil Ave-Marias

Todo primeiro
sábado do mês,
das 13h às 17h30

No sábado 04/05,
comemoração dos
15 anos do grupo



Famílias de São José
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL

ENCONTRO ABERTO

Domingo 14/04,
das 9h30 às 11h

Domingo 26/05,
das 9h30 às 11h

Encontro de Viúvos(as) e pessoas só

Sábado 27/04,
das 10h às 12h



Vicentinos

Terças-feiras, às 19h

Missa em honra do Sagrado Coração de Jesus

Toda 1ª sexta-feira
do mês, às 8h

Missa em honra de Santa Filomena

Todo dia 10 de
cada mês, às 8h.

Oração a Santo Egídio

Quintas-feiras, às 19h15



Seja Dizimista!

Para tornar-se um dizimista é muito simples.

Acesse para fazer a sua oferta:

www.nossasenhorado brasil.com.br/dizimo





www.nossasenhoradobrasil.com.br

Informativo Nossa Senhora do Brasil

Ano 11 - Edição 70 - Abril / Maio - 2024

Editor: Alecsandro A. de Souza

Distribuição: Gratuita

Tiragem: 1000 exemplares

**Você quer saber mais sobre
algum ensinamento da Igreja?**

Envie suas dúvidas para
informativo@nossasenhoradobrasil.com.br